

## **Formas de presença do outro na circulação dos discursos / *The forms of the presence of the other in the circulation of discourses***

*Dóris de Arruda C. da Cunha\**

### **RESUMO**

O artigo analisa formas de alteridade em cartas de leitores. Fundamentado na análise/teoria dialógica do discurso, retoma discussões recentes sobre as diversas interpretações da obra de Bakhtin, sobre a questão da autoria vinculada aos fundamentos epistemológicos do pensamento de Bakhtin e de Volochinov, os quais explicam as diferentes descrições do discurso de outrem nas obras dos dois autores. A análise do *corpus* mostra a inter-relação das formas de presença do outro com o gênero, o ponto de vista e a argumentação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Alteridade; Dialogismo; Gênero; Ponto de vista; Argumentação

### **ABSTRACT**

*This paper analyzes the forms of alterity in newspapers' letters to the editor. Based on the dialogic discursive theory, it examines recent discussions on the interpretation of Bakhtin's writings, especially the question of authorship which is related to the epistemological basis of Bakhtin and Volochinov's thought, which explain the different descriptions of the others' discourses in the authors' work. The analysis of the corpus demonstrates the interrelation between the forms in which the presence of the other appear and the genre, the point of view and the argumentation.*

**KEY-WORDS:** *Alterity; Dialogism; Genre; Point of view; Argumentation*

---

\* Professora da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, Recife, Pernambuco, Brasil; Pesquisadora do CNPq; [doris.cunha@pq.cnpq.br](mailto:doris.cunha@pq.cnpq.br); trabalho resultante do pós-doutorado no LAEL/PUC/SP.

*Graduação infinita nos graus da alteridade (ou da assimilação) da palavra. [...] Não há somente o discurso indireto livre, mas também todas as formas do discurso do outro, oculto, semi-oculto, difuso. Tudo isto permanece inexplorado.*  
Bakhtin

## **Introdução**

A epígrafe aponta para o objeto de estudo deste artigo, o dialogismo interdiscursivo, mais precisamente, as formas de presença de um discurso-fonte publicado na imprensa, em cartas de leitores. Analisamos a diversidade de formas do discurso outro, “oculto, semi-oculto, difuso”, que não cabem nas descrições dos esquemas sintáticos de transmissão e sem as quais não haveria discurso atual. O trabalho situa-se na perspectiva da análise/teoria dialógica do discurso, como define Brait (2006), que remete a Bakhtin, ao chamado Círculo de Bakhtin e à ainda polêmica questão da autoria dos textos de Bakhtin, Volochinov e Medvedev.

Falar de Bakhtin, do Círculo ou da teoria dialógica é um desafio, tendo em vista que há cerca de trinta anos eles são fontes de numerosos trabalhos e exercem uma profunda influência nas Ciências da Linguagem e nas Ciências Humanas em geral<sup>1</sup>. O desafio é ir além do já-dito e mostrar o caráter heurístico das propostas de Bakhtin e Volochinov.

Serão aqui examinados alguns aspectos importantes da teoria para a análise das formas de presença do outro, observadas na perspectiva da circulação dos discursos: as diversas interpretações da obra de Bakhtin, a discussão recente sobre a expressão “Círculo de Bakhtin” e sobre a autoria dos textos de Bakhtin e Volochinov, e alguns conceitos básicos.

## **1 Questões prévias**

A primeira questão que pode ser posta é de qual Bakhtin falar, uma vez que há

---

<sup>1</sup> Há cerca de vinte anos, considerávamos que não era necessário apresentar Bakhtin, “porque já na década de 1980 numerosos trabalhos em linguística faziam referência às proposições teóricas daquele que desde 1929 propunha o estudo da fala e da enunciação no quadro de uma nova concepção da filosofia da linguagem” (CUNHA, 1990, p. 79). Não avaliávamos que havia muito a ser descoberto sobre os escritos dele e do chamado Círculo, sobre o contexto histórico e intelectual onde produziram a obra, nem sobre a reviravolta a que assistimos atualmente sobre a questão da autoria como veremos adiante.

diferentes “Bakhtins” e diferentes desenvolvimentos de suas idéias nos diversos contextos de recepção, como mostram Sériot (2005), Zbinden (2005), Ageeva (2001). Sériot (2005) refere-se à diversidade de pensamentos sobre Bakhtin no Ocidente e no Leste Europeu: o “francês” dos anos 1970, considerado o iniciador da teoria da enunciação, como se fosse um aluno de Benveniste antes dele, ou um renovador da teoria marxista das ideologias; o Bakhtin “americano” dos anos oitenta, um pensador liberal, adversário do totalitarismo stalinista; o “russo” dos anos 1990, um pensador moralista e religioso ortodoxo, personalista e conservador. De um lado, Bakhtin era inscrito no movimento da morte do autor, e até do sujeito, atravessado por um discurso feito de alteridade e heterogeneidade. Do outro, ou seja, no Leste, tratava-se de afirmar sua identidade, a fonte de seus escritos, a personificação.

Em *La conquête de l’Ouest: Bakhtine en Amérique du Nord et en Grande Bretagne*, Zbinden (2005) também discute as consequências e os problemas terminológicos decorrentes das traduções e transmissões ocidentais. Segundo Zbinden (2005), há pontos de vista que parecem discutíveis como, por exemplo, a tendência nas traduções americana e francesa de mostrar uma imagem estática da linguagem, não levando em conta a evolução do pensamento de Bakhtin. Essa tendência se revela nos trabalhos que consideram que os textos filosóficos do início dos anos 1920 dão a chave do seu pensamento e têm mais peso que os trabalhos posteriores.

Ageeva (2001) faz uma análise do Bakhtin “francês” (aspas da autora), introduzido por Kristeva e Todorov nos anos setenta e oitenta, respectivamente. Mostra que até a tradução de alguns termos foi feita para se acomodar ao contexto francês de recepção, no apogeu do estruturalismo. O Bakhtin daquela época, por exemplo, “falava” em sujeito que, para Kristeva, era clivado e múltiplo; o “outro” de Bakhtin também era o duplo do “Outro” da psicanálise (AGEEVA, 2001); era próximo do Saussure dos *Anagramas*, de Benveniste da teoria da enunciação e da pragmática. Esses estudos são relevantes, entre outras razões, porque revelam como o desconhecimento do contexto histórico da produção intelectual russa e de recepção cultural e intelectual criou abordagens diversas dos escritos dos autores russos.

Falaremos aqui do Bakhtin visto no século 21, como teórico da linguagem e das diversas figuras do dialogismo, cujas contribuições deram origem a uma análise/teoria do discurso, “cujo embasamento constitutivo é a indissolúvel relação existente entre

língua, linguagem, história e sujeitos [...]” (BRAIT, 2006, p. 10)<sup>2</sup>.

A segunda questão está ligada à idéia de *Círculo* e à autoria dos textos atribuídos aos três autores russos. Sériot (2010, p.19) nega a idéia de *Círculo de Bakhtin*, “uma invenção tardia e apócrifa”, em razão de a expressão nunca ter sido usada na época em que eles se reuniam. Encontra-se um registro, em 1967, do psicolinguista Leontev, e na forma de discurso reportado, numa entrevista dada por Bakhtin a Duvakin nos anos 1970. *Círculo de Bakhtin* dá a idéia de que Bakhtin foi o líder. Shepherd (2005, p.14) também considera que os membros do grupo tinham autonomia intelectual e que a liderança de Bakhtin não impediu a influência recíproca. E Sériot (2010) sustenta que os demais participantes tiveram uma contribuição importante, se encontravam informalmente e pertenciam a outros agrupamentos. Por isso, neste momento em que novas pesquisas tratam do assunto, não vamos nos referir a *Círculo*, mas pontualmente a Volochinov e Bakhtin apesar de, na tradução brasileira de *Marxismo e filosofia da linguagem*, figurar os nomes dos dois, aspecto que nos leva à debatida questão da autoria<sup>3</sup>, abordada em trabalhos recentes, a partir do contexto intelectual das obras desses autores. Essas pesquisas trazem contribuições importantes para a compreensão das diferenças de abordagem do nosso objeto de estudo.

A tese de Tylkowski-Ageeva, V. N. *Voloshinov en contexte: essai d'épistémologie historique* (2010), realizada a partir de materiais de arquivos, analisa o contexto intelectual russo de 1890 a 1920. Ela afirma que há na Rússia, atualmente, uma tendência para se considerar a redação coletiva dos textos controversos (ALPATOV, 2005 e AVTONOMOVA, 2009, *apud* TYLKOWSKI-AGEEVA, 2010). Contudo, pesquisadores de diversos países se opõem a esta tendência, alegando a inexistência de provas para modificar a autoria inicial dos escritos (PERLINA, 1989, 1995; EMERSON, 1997; TIHANOV, 2004, *apud* TYLKOWSKI-AGEEVA, 2010). Segundo Tylkowski-Ageeva (2010), Vasilev, biógrafo de Volochinov, descreve o percurso acadêmico e científico deste último como pesquisador independente de Bakhtin; e o filho de Medvedev, Youri Medvedev, faz o mesmo para reabilitar a autoria dos textos do pai, como se pode constatar no posfácio da tradução francesa do *Método formal em literatura*. Introdução a uma poética sociológica, publicada em 2008. Tylkowski-

---

<sup>2</sup> Ressalte-se que Brait refere-se ao conjunto da obra do *Círculo* e não apenas a Bakhtin.

<sup>3</sup> Faraco (2003) resume bem o debate e as três posições correntes sobre a autoria.

Ageeva (2010) considera que são de Volochinov os textos publicados com a assinatura dele nos anos 1920.

Outros estudos investigam o contexto epistemológico, especialmente o de Volochinov. Bronckart e Bota (2007) postulam que os trabalhos dos dois autores russos tinham em comum o fato de rejeitar as opções positivistas e naturalistas, mas situam-se em epistemologias distintas: Bakhtin tinha uma posição inspirada na fenomenologia enquanto Volochinov se inscrevia numa perspectiva interacionista social, apoiada no marxismo, próxima a de Vygostsky. Para eles, estas divergências têm incidências amplas no *status* que pode ser conferido à linguagem, aos textos, aos gêneros e ao papel dos gêneros na constituição e no desenvolvimento humano.

Parece que há mais consenso sobre a ancoragem fenomenológica de Bakhtin do que em relação à fundamentação marxista de Volochinov. Segundo Tylkowski-Ageeva (2010), Volochinov utiliza o método marxista associado ao sociológico – o materialismo histórico – que estava no espírito do tempo e do espaço. Boukharin, Plekanov, Bogdanov (teóricos russos do marxismo), Roberty (sociólogo russo, cujo princípio do determinismo social se traduz na primazia do social sobre o individual) são referências para Volochinov. Para a autora russa, o marxismo, tal como se formou na Rússia como método de pesquisa em Ciências Humanas e Sociais no início do século 20, e a concepção de consciência de Roberty são fontes para a abordagem sociológica de Volochinov.

Sériot (2010), Tylkowski-Ageeva (2010), Ivanova (2003) postulam também que há um forte diálogo de Volochinov com outros linguistas russos como Jakubinski (linguista russo, professor de Volochinov, que publicou *Du discours dialogal*). Segundo Ivanova (2003), o interesse pelo diálogo como forma de existência real da língua pela linguística russa dos anos 1920, quando se desenvolveu uma linguística do diálogo, explica a presença deste tema em Volichonov. Outras influências importantes citadas por esses autores são as de Spet (filósofo, psicólogo, crítico de arte russo, que enfatiza a sintaxe para a transmissão do sentido na comunicação verbal), dos alemães Humboldt, Dilthey, Spitzer e, sobretudo, de Vossler que, como Volochinov, procurava uma solução para a crise do positivismo.

A principal base de *Marxismo e filosofia da linguagem* é, de acordo com Sériot (2010), a obra de Vossler, cuja problemática principal é a representação do discurso de

outrem. Outras idéias de Vossler encontram-se “sociologizadas” em Volochinov: partir do todo para a parte, estudar a fala viva; o concreto; buscar o elo e o todo; não separar a estilística da linguística; o desprezo pelas formas (sons). Em suma, as teses de teorias linguísticas do momento histórico parecem ter tido grande influência sobre Volochinov<sup>4</sup>. Essas pesquisas sobre as diferentes epistemologias, o contexto intelectual russo e os ecos no pensamento de Volochinov, a influência dos alemães esclarecem as diferenças de abordagem do discurso de outrem nos escritos de Bakhtin e Volochinov<sup>5</sup>, como veremos no item a seguir.

## 2 Dialogismo, formas de alteridade e/ou de transmissão do discurso de outrem

Para abordar formas de alteridade da palavra e/ou formas de transmissão ou de representação do discurso, partimos da noção de dialogismo. Numerosos estudos mostram a diversidade de usos que Bakhtin faz de *dialogismo*, *dialógico*, *diálogo*, (TODOROV, 1981; BRES e NOWAKOWSKA, 2005; FRANÇOIS, 2006). Uma pesquisa com auxílio da informática do uso dessas noções mostra que *dialogismo* é o menos usado por Bakhtin<sup>6</sup>. Volochinov não faz uso do termo *dialógico*, que Bakhtin emprega para qualificar numerosos nomes: *romance polifônico*, *personagem*, *oposição*, *afinidade*, *intuição*, *imagem*, *campo*, *relação*, *interação*, *fiões*, *contexto*, *orientação*, *jogos*, *processos*, *ressonâncias*, *formas*, *vida*, etc. *Diálogo* é o termo mais utilizado por ambos, o que pode ser explicado pelo interesse dos teóricos russos por essa forma composicional. Bakhtin aborda o dialogismo em várias obras e em diferentes perspectivas (filosófica, antropológica, discursiva), mas vamos nos limitar às duas

<sup>4</sup> Há ainda outra discussão, mais polêmica, apresentada em colóquios por Bronckart et Bota, que consideram Bakhtin um plagiador. Os autores vão publicar o livro *Bakhtin démasqué*. Histoire d'un menteur, d'une escroquerie et d'un délire collectif. Genebra e Paris, Droz. Apesar de já haver contraposições, a exemplo de Vauthier (2007), postulando unidade e integridade na obra de Bakhtin, Volochinov e Medvedev e negando o plágio, não nos cabe entrar aqui neste debate.

<sup>5</sup> Não podemos esquecer que *Marxismo e filosofia da linguagem* e *Problemas da obra de Dostoiévski* foram publicados no mesmo ano:1929.

<sup>6</sup> Fizemos o levantamento em *Marxismo e filosofia da linguagem* (MFL), *Problemas da poética de Dostoiévski* (PPD), *Questões de estética e de literatura* (QEL), *Estética da criação verbal* (ECV).

Termos	MFL	PPD	QEL	ECV
Dialogismo	0	4	6	6
Dialógico	0	175	87	82
Diálogo	19	343	128	91

noções mais difundidas nas ciências da linguagem:

- a) o dialogismo *interdiscursivo*, das figuras do discurso outro no discurso atual, do já-dito;
- b) o dialogismo *interlocutivo*, do direcionamento ao outro, àquele a quem o enunciador se dirige<sup>7</sup>.

Como se sabe, em *Problemas da poética de Dostoiévski*<sup>8</sup>, Bakhtin propõe a criação da metalinguística, que teria por objeto as relações dialógicas, faz uma análise dos tipos de discurso e apresenta uma classificação do *discurso bivocal*. Em *O discurso romanesco*, Bakhtin (1993) analisa as formas de introdução da fala de outrem no discurso do autor, sob a forma dissimulada, sem indicação da pertença a outrem; e as construções híbridas, cujos índices gramaticais (sintáticos) e composicionais apontam para um falante, mas contém dois enunciados e duas perspectivas semânticas e axiológicas. Já Volochinov (1995) se debruça sobre os diferentes esquemas de transmissão do discurso – *direto*, *indireto* e *indireto livre* – e suas variantes. Para ele, as formas sintáticas se aproximam mais das formas concretas do enunciado e permitem compreender a língua e seu devir. Além disso, o estudo das formas de transmissão da fala de outrem reflete tendências básicas e constantes da *recepção ativa do discurso de outrem*, fundamental para o estudo do diálogo.

Embora tenhamos feito aqui uma brevíssima menção às análises do dialogismo interdiscursivo, é com base na visão desses autores que analisamos as cartas de leitores.

### 3 Múltiplas formas de presença do outro em cartas de leitores

Procederemos aqui à descrição de cartas de leitores em um *momento discursivo*<sup>9</sup>, o da denúncia da revista *VEJA*, “Campanha de Lula recebeu dinheiro de Cuba”, segundo a qual o governo de Cuba teria financiado a campanha eleitoral do presidente Luís Inácio Lula da Silva de 2002.

---

<sup>7</sup> Os termos dialogismo *interdiscursivo* e *interlocutivo* não se encontram nos escritos de Bakhtin mas nos trabalhos de linguística (AUTHIER-REVUZ, 2010a, 2010b; BRES, 1998, 2008),

<sup>8</sup> *Problemas da poética de Dostoiévski* é a 2ª ed. revista e ampliada pelo autor em 1963, a partir de *Problemas da obra de Dostoiévski*, de 1929.

<sup>9</sup> A noção de *momento discursivo* remete à diversidade de produções discursivas que surgem na mídia a propósito de algo que ocorre no mundo e que se torna *pela* e *na* mídia um “acontecimento” (MOIRAND, 2007).

Os estudos sobre a citação podem ser feitos em dois níveis, da língua e do discurso. No primeiro, pode-se fazer um inventário das formas e das operações estruturando o dialogismo interdiscursivo. Essa é a posição de Authier-Revuz (2004), na linha de Benveniste, para quem há dois modos de significância: o semiótico, da língua no sentido saussuriano, e o semântico, o do discurso ou da língua em ação ou em funcionamento. Postulando uma ordem própria da língua, Authier-Revuz parte das formas linguísticas para chegar aos funcionamentos discursivos.

Partimos também da análise das construções que inscrevem a alteridade de forma explícita ou disseminada, para compreender a dialogicidade dos discursos, as representações discursivas dos enunciadores, os multiformes fios semânticos, acentos, e alusões.

### **3.1 Formas linguísticas de alteridade**

Nas cartas de leitores, encontramos a representação integrada de discurso outro, com uma ancoragem enunciativa única, ou seja, o discurso indireto, que engloba numerosas formas, incluindo a nominalização, tal como define Authier-Revuz (2010a). A forma mais recorrente de retomada do discurso da reportagem nas cartas analisadas é por meio de nominalizações, como no exemplo abaixo.

A se confirmar *a informação* sobre o dinheiro cubano na campanha presidencial de Lula, ele deixa de ter legalidade para continuar exercendo o cargo. (Robinson Reis. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. A6, 1º nov. 2005. Grifo nosso).

O enunciado é equivalente, do ponto de vista semântico, a “alguém informou que houve dinheiro de Cuba na campanha presidencial de Lula”. A análise do ponto de vista linguístico mostra que a nominalização introduz o discurso da reportagem como já suficientemente conhecido, e por isso apaga todos os elementos da situação enunciativa imediata e do contexto mais amplo: quem informou, quando onde, como, em que contexto político, o que estava em jogo.

As retomadas com a nominalização são inseridas em construções diversas<sup>10</sup>:

*Se essa história dos milhões de dólares enviados pelo governo cubano para a campanha do presidente Lula for verdadeira, tem a virtude de esclarecer que esse dinheiro contribuiu para uma eleição democrática de um candidato que tem a simpatia daquele governo. (Silvio de Barros Pinheiro Santos. Folha de S. Paulo, São Paulo, p. A10, 31 out. 2005. Grifo nosso).*

Observa-se que as categorizações feitas pelos leitores apontam para o dialogismo interdiscursivo: história (três ocorrências, com o pronome demonstrativo que é um recurso anafórico), denúncia (quatro ocorrências), notícia, informação, insinuações, envio, etc. São termos que remetem a um discurso que circulou.

Podem-se observar construções com nominalizações, comparando dois momentos discursivos, com o emprego do futuro do pretérito, um marcador de alteridade e de discurso reportado (HAILLET, 1998):

*Quando surgiram as denúncias de que Marcos Valério teria “injetado” quase R\$ 100 milhões nos cofres do PT? [...] Agora, com a denúncia de que Cuba teria “doado” US\$ 3 milhões para a campanha eleitoral de 2002, os mesmos dirigentes que antes não sabiam nada sobre as finanças do PT apressam-se em desmentir a notícia (Júlio Ferreira. Jornal do Commercio, Recife, Opinião, p. 14, 5 nov. 2005. Grifo nosso).*

É importante lembrar que a nominalização, para a Análise do Discurso Francesa, está na base do pré-construído, remetendo, portanto, a um objeto do mundo que preexiste ao discurso (SÉRIOT, 1986). Por meio da nominalização, pode-se reformular um enunciado efetivamente pronunciado em que “o pre-construído que ela manifesta é uma anáfora análise” (p. 30) e “pseudo-anáforas pre-construídas que remetem formalmente a um discurso anterior” (p. 31), efetivamente pronunciado ou não. Em outras palavras, a nominalização cria uma superfície heterogênea onde se misturam elementos de discursos diversos.

A outra forma de alteridade encontrada no corpus é a alusão, forma de dialogismo interdiscursivo não marcado, nos termos de (AUTHIER-REVUZ, 2010b):

---

<sup>10</sup> A análise e classificação dos pontos de vista do enunciador sobre os dizeres representados, que vão da representação do dizer como fato, à negação do conteúdo do dizer, foram analisados em outro trabalho que se encontra no prelo.

Existe um repertório tão inesgotável de falcatruas na historiografia recente dos Partidos dos Trabalhadores que a cada semana mais uma trama cadavérica é exumada causando assombração ao Planalto e estupefação aos ingênuos que permitiram-se seduzir pelas imagens lindas da propaganda eleitoral petista *financiadas por dinheiro proveniente de operações irregulares que envolvem até fundos oriundos de países miseráveis que não proporcionam condições mínimas a carentes, como a Cuba de Fidel, mas se permitem financiamentos generosos aos amigos-do-peito*. (Jorge Schweitzer. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. A14, 31 out. 2005. Grifo nosso).

Neste exemplo, o enunciador elabora o enunciado com o já-dito sem marcas para o reconhecimento do interlocutor, supondo a pertença a uma comunidade de leitores de jornais que identificaria a reportagem da *VEJA*. Dessa forma, como mostra Authier-Revuz (2010b), ele articula os dois tipos de dialogismo, interlocutivo e interdiscursivo.

As formas de alusão encontradas nas cartas de leitor correspondem àquelas definidas por Moirand (2007), a saber, palavras, fórmulas, cristalizações, construções sintáticas que funcionam como memória discursiva de dizeres, fatos e eventos anteriores. Poderíamos usar as palavras de Bakhtin para esta figura de inscrição da alteridade:

A inter-relação que se estabelece entre o discurso do outro assim inserido e o resto do discurso (pessoal) não tem analogia com as relações sintáticas existentes dentro dos limites de um conjunto sintático simples ou complexo, nem tampouco tem analogia com a relação com o objeto do sentido, existente entre os conjuntos sintáticos distintos não vinculados gramaticalmente, dentro dos limites de um único enunciado (1997, p. 319).

Como se pode constatar, a presença desses outros discursos evidencia a relação com o gênero, a elaboração do ponto de vista e da argumentação. É o que examinaremos a seguir.

### **3. 2 Alteridade, gênero e ponto de vista**

Os gêneros da imprensa se organizam em função de algumas variáveis como, por exemplo, o dado e o novo, que definem as formas e funções das retomadas; o posicionamento ou ponto de vista e a argumentação do leitor. Não é objetivo deste

artigo discutir a noção de gênero, contudo, estas constatações nos levam a caracterizar a carta de leitor.

Adam e Heidemann (2009) referem-se ao fenômeno de heterogeneidade genérica constitutiva, que dificulta a classificação de alguns textos. Partem de Bakhtin e fazem seis proposições que permitem falar de regime de genericidade autorial, leitoral e editorial<sup>11</sup>. A noção de genericidade permite, portanto, analisar não apenas as características de uma categoria de textos, mas desvelar as tensões genéricas.

Efetivamente, as cartas de leitores têm traços de genericidade de outros gêneros, caso do diálogo, uma vez que funcionam como réplicas aos textos já publicados. E do comentário, cuja definição remete a dialogismo: “notas ou ponderações, por escrito ou orais, críticas ou de esclarecimentos, acerca de um texto, um evento, um ato, etc.” (Dicionário HOUAISS). Do ponto de vista discursivo,

o comentário permite construir (e indefinidamente) discursos novos: o domínio do primeiro texto, sua permanência, seu estatuto de discurso readaptável em novo contexto, o sentido múltiplo ou velado do qual ele pode ser detentor, o subentendido e a riqueza que lhe são atribuídas, tudo isso cria uma possibilidade aberta de falar (FOUCAULT, 1971, p. 26).

Nos novos discursos, o primeiro texto permanece, mas não na forma de citações. Os elementos da situação de enunciação do texto-fonte são apagados porque esse gênero funciona num contexto em que circulam notícias, artigos de opinião, editoriais, comentários sobre o tema em questão, nas diversas mídias digitais, radio, TV, etc., além do fato de dispor de um pequeno espaço e das intervenções do editor. As notícias publicadas no dia seguinte à denúncia, por exemplo, trazem o discurso da revista de forma bastante marcada, em construções com o discurso direto, indireto e com formas de modalização do dizer como segundo (CUNHA, 2002; 2008). Nos artigos de opinião e editoriais, cujo propósito comunicativo é comentar o que faz parte do saber comum (CUNHA, 2002; 2009), a alusão também é freqüente. Na charge, ela é o organizador dominante (FREITAS e CUNHA, 2010).

---

<sup>11</sup> O primeiro é o mais estável, uma vez que ele pode ter modificações e comentários do autor na sua história, mas bem menos do que o que se observa na história da recepção de um texto, de sua recontextualização. A circulação e a mediação por um meio escrito, digital ou áudio-visual introduzem modificações importantes.

Os exemplos analisados ilustram a imbricação do discurso outro (da revista) na construção do ponto de vista e da argumentação. A noção de ponto de vista significa que há uma realidade comum e diferentes maneiras de apresentá-la (FRANÇOIS, 1994). François aponta a dificuldade de se identificar um ponto de vista que está sempre enredado no todo do texto e em diálogo ou confronto com outro ponto de vista, exterior ao texto.

Na abordagem da lógica natural proposta por Grize (1996), o ponto de vista é necessariamente situado na história e na cultura, com as axiologias de cada leitor e articulado a uma argumentação, atividade discursiva também produzida em situação, sempre dirigida, endereçada a outro (GRIZE, 1996) e com uma finalidade que, o mais das vezes, não é explicitada. Além disso, o ponto de vista é construído em função das representações que o enunciador faz do seu interlocutor, daquilo que ele fala e da que pretende dar de si.

As posições teóricas de François (1994) e Grize (2005), que consideram os aspectos dialógicos, históricos, sociais da linguagem, são as mais pertinentes para as nossas análises. Nesta perspectiva, não definem ponto de vista e argumentação por critérios internos nem concebem escalas lógicas de força argumentativa. Como indica François, é interessante evidenciar os movimentos discursivos heterogêneos que retomam o discurso da revista *Campanha de Lula recebeu dinheiro de Cuba*.

Há pouco mais de três anos, na época da campanha presidencial, os jornais noticiaram que o candidato Lula teria abandonado um comício em Juazeiro do Norte para vir se encontrar com seu colega e seu professor Fidel Castro, em Brasília. A história foi que o avião do comunista teria tido uma pane e ele foi obrigado a pernoitar em Brasília, na embaixada do seu país. Certo é que o candidato Lula largou o comício pela metade e veio encontrar-se com o companheiro e por ali passaram a noite. Se for observado, dali em diante, a campanha de Lula decolou. De duas uma: *Fidel Castro é um ótimo articulador político ou trouxe muito recurso (espúrio) na bagagem para a campanha do colega*, com a invenção de que o *topolov* russo teria dado pane. O mensalão do PT é mais antigo do que se pensa. (Francisco Ribeiro Mendes. *Jornal do Brasil*, Brasília, Opinião p. A 14, 31 out. 2005. Grifo nosso).

O discurso da reportagem é retomado como *pano de fundo*, vez que o foco aqui é o PT do mensalão. O leitor seleciona ou “torna pertinente” a relação de Lula e Cuba e apresenta nos movimentos argumentativos uma “notícia” de três anos atrás (os jornais

noticiaram que o candidato Lula teria abandonado um comício em Juazeiro do Norte para vir se encontrar com seu colega e seu professor Fidel Castro, em Brasília[...] e por ali passaram a noite) e “fatos” que mais parecem ilações (Se for observado, dali em diante, a campanha de Lula decolou). Do ponto de vista argumentativo, o leitor constrói na forma de alternativas duas justificativas que apontam para o seu ponto de vista (O mensalão do PT é mais antigo do que se pensa).

Em outras cartas, o objeto da reportagem é usado como *argumento*:

Existe um repertório tão inesgotável de falcatruas na historiografia recente dos Partidos dos Trabalhadores que a cada semana mais uma trama cadavérica é exumada causando assombração ao Planalto e estupefação aos ingênuos que permitiram-se seduzir pelas imagens lindas da propaganda eleitoral petista financiadas *por dinheiro proveniente de operações irregulares que envolvem até fundos oriundos de países miseráveis que não proporcionam condições mínimas a carentes, como a Cuba de Fidel, mas se permitem financiamentos generosos aos amigos-do-peito.* (Jorge Schweitzer. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, Opinião, p. A 14, 31 Out. 2005. Grifo nosso).

Não se trata, para o autor da carta, de comentar a suposta denúncia, mas de fazer uma crítica ao PT e a Cuba, por meio da seleção ou de “tornar pertinente” denúncias recentes. A argumentação se manifesta nas formas de nomear (falcatruas, historiografia, trama cadavérica, exumada, assombração, estupefação), de expor o objeto do discurso – o Partido dos trabalhadores – e nos movimentos discursivos: i) apresentação factual (Existe um repertório tão inesgotável de falcatruas na historiografia recente dos Partidos dos Trabalhadores que a cada semana mais uma trama cadavérica é exumada causando assombração ao Planalto e estupefação aos ingênuos); ii) deslocamento para a categoria “ingênuos” (permitiram-se seduzir pelas imagens lindas da propaganda eleitoral petista; iii) argumentação com o discurso da revista (dinheiro proveniente de operações irregulares que envolvem até fundos oriundos de países miseráveis que não proporcionam condições mínimas a carentes, como a Cuba de Fidel, mas se permitem financiamentos generosos aos amigos-do-peito).

O corpus mostra que a argumentação se distingue nas cartas em função dos pontos de vista que: uns vão no sentido do discurso da revista (2); outros se opõem (12), e há cartas

ambíguas, ou que levam em conta o discurso da revista, mas fazem correções ou acréscimo<sup>12</sup>.

### Considerações finais

As questões iniciais revelam o interesse em se conhecer melhor Bakhtin, Volochinov, as interpretações dos escritos, e o contexto em que viveram e publicaram. Como diz Zbinden (2005: 27), referindo-se a Bakhtin (mas acrescentamos Volochinov), utilizar implica conhecer - se não se quer ficar limitado à aplicação mecânica de alguns conceitos - e refinar a reflexão pessoal. A discussão esclarece porque as abordagens do discurso alheio são diferentes em *Marxismo e filosofia da linguagem* e em *Problemas da poética de Dostoiévski*, publicados no mesmo ano, e no *Discurso romanesco*. Volochinov classifica formas e variantes dos esquemas de transmissão do discurso alheio. Bakhtin classifica e se interessa especialmente pelo discurso bivocal no primeiro, e pelas formas híbridas, no segundo.

No *corpus*, as formas de retomada não seguem os esquemas sintáticos descritos por Volochinov, mas assemelham-se ao discurso outro assimilado e disperso no discurso atual analisado por Bakhtin. As análises revelam que este discurso outro funciona como heterogeneidade e movimento. Na carta de leitor, o discurso-fonte é integrado por meio da nominalização e da alusão, que trazem como fatos a *doxa*, discursos circulantes, ilações e reminiscências, o que permite apagar todos os elementos contextuais do discurso retomado. Este gênero tem características da réplica de um diálogo e do comentário, porque os leitores têm o propósito de expor um ponto de vista para leitores que partilham um saber comum sobre o tema do momento discursivo.

Por fim, constatamos a impossibilidade de se separar as formas de presença do discurso outro do gênero, do ponto de vista, da argumentação e da circulação discursiva.

### REFERÊNCIAS

ADAM, J.-M. Et HEIDMANN, U. *Le texte littéraire. Pour une approche interdisciplinaire*. Louvain-la Neuve: Bruylant-Academia S.A., 2009.

---

<sup>12</sup> O espaço deste artigo não permite apresentar as análises dos exemplos mencionados.

AGEEVA, I. Le M. Bakhtine «français»: la réception de son œuvre dans les années 1970. [http://cid.ens-lsh.fr/russe/lj\\_agueeva.htm](http://cid.ens-lsh.fr/russe/lj_agueeva.htm)

AUTHIER-REVUZ, J. *La représentation de/du discours autre dans l'activité langagière: métalangage et hétérogénéité*. (no prelo, 2010a).

\_\_\_\_\_. *Dire à l'autre dans le déjà-dit: interférences d'alterités –interlocutive et interdiscursive – au cœur du dire*. Trabalho apresentado no Colloque IADA, 2010b (no prelo).

\_\_\_\_\_. La représentation du discours autre: un champ multiplement hétérogène. In: LOPEZ-MUNOZ, J.-M.; MARNETTE, S.; ROSIER, L. (eds.). *Le discours rapporté dans tous ses états: question de frontières*. Paris: L'Harmattan, 2004, p. 35-53.

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1997.

\_\_\_\_\_. *Questões de literatura e de estética. A teoria do romance*. Trad. Aurora fornoni Bernardini et al. 3 ed. São Paulo: UNESP/HUCITEC, 1993.

\_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. 7 ed. São Paulo: HUCITEC, 1995.

BOTA, C. et BRONCKART, J.-P. Volochinov et Bakhtine, deux approches radicalement opposés des genres des textes et de leur statut. In: *LINX*, 56, 2007, p. 73-89.

BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 9-31.

BRES, J. Entendre des voix: de quelques marqueurs dialogiques en français. In: BRES, J. et al. (eds.). *L'autre en discours*. Colloque Praxiling/Dyalang. Montpellier: Université Paul Valéry, 1998. p. 191-212.

\_\_\_\_\_. De l'épaisseur du discours: horizontalement, verticalement... et dans tous ses sens. In: Congrès Mondial de Linguistique Française, 8., Paris: Institut de Linguistique Française, 2008. p. 853-859.

BRES, J.; NOWAKOWSKA, A. Dis-moi avec qui tu «dialogues», je te dirai qui tu es... De la pertinence de la notion de dialogisme pour l'analyse du discours. *Marges linguistiques*, n. 9, p. 37-154, 2005. Disponível em: [http://www.revue-texto.net/1996-2007/marges/marges/Documents%20Site%201/00\\_ml092005/00\\_ml092005.pdf](http://www.revue-texto.net/1996-2007/marges/marges/Documents%20Site%201/00_ml092005/00_ml092005.pdf). Acesso em 13 maio 2010.

CUNHA, D. A. C. Do discurso citado à circulação dos discursos: a reformulação bakhtiniana de uma noção gramatical. In: *Matraga*, n. 22, 2008, p. 129-144.

\_\_\_\_\_. O funcionamento dialógico em notícias e artigos de opinião. In: DIONÍSIO, A. P.; BEZERRA, M. A.; MACHADO, A. R. (org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 166-179.

\_\_\_\_\_. *Discours rapporté et circulation de la parole*. Leuven/Louvain-la-Neuve: Peeters/Louvain-la-Neuve, 1992.

\_\_\_\_\_. *Organisation du dialogue, discours rapporté et circulation de la parole (contribution à une approche dialogique du discours d'autrui)*. 1990. 542 f. Thèse de doctorat. Université de Paris V, Paris.

FARACO, C. A. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar Edições, 2003.

FOUCAULT, M. *L'ordre du discours*. Paris: Gallimard, 1971.

FRANÇOIS, F. Dialogisme des “voix” et hétérogénéité constitutive du “sens”. Le “savoir”, le “quotidien” et le “littéraire”, communauté et différences d'accentuation chez Volochinov, Bakhtine et Vygotski. Une contribution indirecte à la pédagogie du “texte littéraire”. In: *Investigações - Linguística e Teoria Literária*, Recife, v. 19, n. 2, 2006, p. 1-63.

\_\_\_\_\_. *Morale et mise en mots*. Paris: L'Harmattan, 1993.

FREITAS, V. C. P e Cunha, D. A. C. *Dialogismo interdiscursivo e interlocutivo. Um Estudo enunciativo da charge*. Trabalho apresentado na 62ª Reunião da SBPC, Natal. 2010.

GRIZE J.-B. «Le point de vue de la logique naturelle» dans Doury M. et Moirand S. *L'argumentation aujourd'hui. Positions théoriques en confrontation*. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 2005, p. 35-43.

GRIZE J.-B. *Logique naturelle et communication*. Paris : PUF, 1996.

HAILLET, P. P. Quand un énoncé en cache un autre: le conditionnel et les relatives appositives. In: BRES, J. et al. (eds.). In: *L'autre en discours*. Montpellier: Université Paul Valéry, p. 213-238, 1998 [Coll. Praxiling/Dyalang].

IVANOVA, I. Le dialogue dans la linguistique soviétique des années 1920-1930. In: *Cahiers de l'ILSL*, n. 14, 2003, p. 157-182.

MOIRAND, S. Discours, mémoires et contextes: à propos du fonctionnement de l'allusion dans la presse. In: *Corela*, Numéros spéciaux, Cognition, discours, contextes. Disponível em: <<http://edel.univ-poitiers.fr/corela/document.php?id=1636>>. Acesso em 24 abr. 2010.

\_\_\_\_\_. *Les discours de la presse quotidienne – observer, analyser, comprendre*. Paris: PUF, 2007.

SÉRIOT, P. *Vološinov, la philosophie de l'enthymène et la double nature du signe. Préface a Marxisme et philosophie du langage. Les problèmes fondamentaux de la méthode sociologique dans la science du langage*. Nouvelle édition bilingue traduite du russe para Patrick Sériot et Inna Tylkowska-Ageeva. Limoges: Lambert Lucas, 2010.

\_\_\_\_\_. Généraliser l'unique: genres, types et sphères chez Bakhtin. In: *LINX*, 56, 2007, p. 37-53.

\_\_\_\_\_. Bakhtine en contexte: dialogue des voix et hybridation des langues (problème des limites). In: *La quadrature du cercle de Bakhtine. Traductions, influences et remises en contexte*. Centre de traduction littéraire, n. 45, Université de Lausanne, 2005, p.203-225.

\_\_\_\_\_. Langue russe et discours politique soviétique: analyse des nominalisations. *Langages*, n. 81, p. 11-41, 1986.

SHERPHERD, D. La pensée de Bakhtine: dialogisme, décalage, discordance. In: *La quadrature du cercle de Bakhtine. Traductions, influences et remises en contexte*. Centre de traduction littéraire, n. 45, Université de Lausanne, 2005, p. 5-25.

TYLKOWSKI-AGEEVA, I. V. N. *Vološinov en contexte. Essai d'épistémologie historique*. Tese de doutorado, Université de Lausanne, 2010.

TODOROV, T. *Mikhaïl Bakhtin: le principe dialogique, suivi de Écrits du Cercle de Bakhtin*. Paris: Seuil, 1981.

VAUTHIER, B. *Préface à Bakhtine, Volochinov e Medvedev dans les contextes européens et russe*. In: *Slavica Occitania*, 25, 2007, p. 09-43.

ZBINDEN, K. La conquête de l'Ouest: Bakhtine en Amérique du Nord et en Grande Bretagne. In: *La quadrature du cercle de Bakhtine. Traductions, influences et remises en contexte*. Centre de traduction littéraire, n. 45, Université de Lausanne, 2005, p. 27-62.